

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA – LICENCIATURA

Tatiana Telch Evalte

**Nas entrelinhas da relação professor-aluno: o  
vínculo afetivo**

Porto Alegre  
1. Semestre  
2010

Tatiana Telch Evalte

## Nas entrelinhas da relação professor-aluno: o vínculo afetivo

Trabalho de Conclusão apresentado à Comissão de Graduação do Curso de Pedagogia – Licenciatura da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora:  
Profa. Dra. Luciana Vellinho  
Curso

Porto Alegre  
1. Semestre  
2010



**Dedico este trabalho a Sérgio, pois foi companheiro em todas as horas. Sempre me incentivou e nunca deixou de me acompanhar, mesmo durante as madrugadas fazendo os trabalhos, cuidando do Vitor e dando suporte de informática. E também ao meu filho Vitor Matheus que através de seus problemas com a adaptação fez com que eu refletisse sobre a relação professor-aluno e (re)significou o meu olhar sobre esse assunto.**

Ao concluir este trabalho, quero agradecer...

... a Sérgio e ao Vitor pela paciência e compreensão frente aos estresses ao longo da construção do TCC.

... à minha mãe e meu pai por acreditarem em mim, e também por cuidarem do Vitor para que eu pudesse estudar.

... à minha sogra e sogro por me ajudarem com o Vitor nos finais de semana em que eu precisava dar atenção aos livros.

... aos meus amigos que não deixaram de me arrastar para fazer festa e sair, e que me alegraram durante essa trajetória.

... à Katana uma pessoa que me desacomoda e faz eu pensar e tomar uma posição em todas as nossas conversas, que não só me elogia mas me faz críticas que me ajudam a amadurecer idéias.

... a duas colegas, as Letícia's, que me proporcionaram enxergar o mundo de outra forma.

... à minha colega de orientação Lisiane, que tornou a caminhada mais feliz, engraçada e otimista e dividiu comigo dúvidas e angústias.

... à minha orientadora, Profa. Dra. Luciana Corso, que me motivou e incentivou. Pelas nossas conversas que abriam meus horizontes e também por entender desde o começo o meu trabalho, quando ninguém o entendia.

The background of the image is a dark blue gradient. Overlaid on this are numerous bright, glowing blue light trails. These trails are composed of many thin, overlapping lines that create a sense of motion and energy. Some trails are straight, while others are curved or spiral-like. The overall effect is reminiscent of a digital or scientific visualization, such as a particle simulation or a data visualization. The light trails are most concentrated in the upper and lower portions of the frame, with a few scattered points of light throughout.

“Só pode ser pedagogo aquele que se encontrar capacitado para penetrar na alma infantil.”  
(KUPFER)

## RESUMO

As experiências de estágio curricular e mini-práticas, realizadas ao longo do curso, despertaram em mim a necessidade de aprofundar um tema apontado de forma recorrente em meus relatórios: a relação professor-aluno. Neste trabalho me proponho a refletir sobre a relação vincular que se estabelece entre aluno-professor, a relação transferencial implicada neste processo, e como isso acaba por interferir na aprendizagem. Analiso também os vínculos que podem ser estabelecidos com as estagiárias e o que pode representar a entrada de outra professora na sala de aula. O estudo apresenta uma revisão bibliográfica do tema apoiando-se na Psicanálise de Freud, nos estudos de Alicia Fernández sobre aprendizagem, de Bowlby sobre vínculos e apego, de Spitz sobre a infância e de Kupfer sobre a Educação. Através das análises, pude compreender que a relação transferencial só é propiciada quando se tem uma relação de apego com a outra pessoa envolvida e que essa relação é uma importante base para desencadear a transferência e a formação de vínculos. Juntos, eles formam uma tríade que pode vir a tornar a aprendizagem prazerosa e prevenir futuros problemas de aprendizagem que, por ventura, surjam ao longo da vida escolar.

Palavras chaves: Vínculo. Transferência. Relação professor-aluno.

## SUMÁRIO

<b>1 CONSTRUINDO O INTERMINAVEL...</b>	<b>7</b>
<b>2 DAS AFETIVIDADES</b>	<b>10</b>
2.1 APEGO	12
<b>3 RELAÇÃO TRANSFERENCIAL</b>	<b>15</b>
<b>4 CONSTRUINDO PONTES: VÍNCULO – DESEJO – APRENDIZAGEM</b>	<b>20</b>
4.1 VÍNCULOS	20
4.2 O DESEJO	21
4.3 APRENDIZAGEM	23
<b>5 DESENCOBRINDO O ENCOBERTO</b>	<b>26</b>
5.1 AS MINI-PRÁTICAS	26
5.2 O ESTÁGIO	30
<b>6 TERMINANDO OU APENAS COMEÇANDO?</b>	<b>34</b>
<b>7 REFÊRENCIAS</b>	<b>37</b>

## 1. CONSTRUINDO O INTERMINAVEL...

A partir das práticas oferecidas durante o curso de Pedagogia (UFRGS) pude perceber que a profissão de professor vai muito além de apenas estar em sala de aula. É na sala de aula com os alunos que criamos a “relação professor-aluno”. Essa relação tão apontada durante meus relatórios de prática é que me fizeram querer olhar de modo especial para essa temática.

Pensar em como se constituem esses vínculos entre professor e aluno é olhar de outra maneira, perceber que sentimentos e expectativas o professor coloca em sua profissão, e de que maneira o aluno recebe esses sentimentos partindo da experiência que tem sobre as relações já vividas.

Quando escolhemos ser professor, depositamos sentimentos, e esses poderão ser refletidos em nossos alunos, pois trabalhamos para e com pessoas (crianças, jovens, adultos) que também são dotados dessas expectativas. Assim há uma troca de sentimentos, algo que vai se estreitando durante o convívio, algo que pode ser percebido direta ou indiretamente e que está subtendido em qualquer relação.

É em busca dessa temática que meu olhar e pensamento se aprofundarão nessa pesquisa, para elencar e entender argumentos que justifiquem essa perspectiva de trabalho dentro da relação professor-aluno.

A pesquisa apoiar-se-á na Psicanálise de Freud e na Pedagogia, envolvendo essas duas áreas diferentes, mas que, apóiam-se quando ligadas no sentido de promover esclarecimentos em torno dos sujeitos das aprendizagens, ou seja, áreas complementares. Acredito ser importante ver a educação através dessas áreas, para assim compreendermos melhor em primeiro lugar nós mesmos e para depois compreendermos o outro, aquele indivíduo presente nas salas de aulas que precisa para além da educação um olhar diferenciado, que possa ajudá-lo a compreender-se melhor.

O estudo apresenta uma revisão bibliográfica apoiando-se na Psicanálise de Freud, nos estudos de Alicia Fernández sobre aprendizagem, de Bowlby sobre vínculos e apego, de Spitz sobre a infância e de Kupfer sobre a Educação. Utilizando essas fontes quero poder também abrir novos olhares em torno da Pedagogia

usando-as como complemento para um melhor entendimento das relações encontradas dentro da sala de aula.

Acredito que esse trabalho poderá proporcionar uma visão sobre a importância do vínculo estabelecido entre professor e aluno para a aprendizagem, que parece estar um pouco banalizado. De um modo geral as crianças se deparam com outros profissionais, como professor de educação física, artes, nutricionista, entre outros. Que sentimentos podem surgir nestas novas relações por parte das crianças? E as estagiárias, que se atravessam nesse processo de relações como são percebidas pelas crianças? Que tipo de vínculos são possíveis de serem estabelecidos?

O objetivo principal deste trabalho é problematizar a relação vincular que se estabelece entre aluno-professor e como isso pode se refletir na aprendizagem, poder analisar também os vínculos que podem ser estabelecidos com as estagiárias e o que pode representar essa entrada de outra professora na sala de aula por parte das crianças. Creio poder proporcionar uma revisão de alguns conceitos utilizados na psicanálise e elucidar fatos que compreendem o dia-a-dia escolar, que poderão ser de utilidade a pessoas que como eu consideram a afetividade um parte importante no convívio escolar. Parte essa que deve ser melhor compreendida para que possamos aprender a sentir a profissão de professor.

Neste trabalho irei abordar num primeiro momento as afetividades das crianças, das primeiras percepções até a formação da base afetiva da criança. Deter-me-ei também, no terceiro capítulo, aos sentimentos do professor e na relação transferencial que ocorre entre professor e aluno, pois os professores também possuem emoções que podem ser bem ou mal resolvidas, e que estão em jogo quando tratamos desse assunto.

Na segunda parte, no quarto capítulo, tratarei sobre como se dá a constituição do vínculo entre professor-aluno e de que forma esse tipo de afetividade contribui ou não com o processo de aprendizagem. Tratarei do conceito de desejo (da Psicanálise) , pois está intimamente ligado aos outros dois conceitos acima citados.

No quinto capítulo farei uma análise, como graduanda do curso de Pedagogia da UFRGS, sobre a organização das “Mini-Práticas” do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS e o sobre a Instituição a qual realizei o Estágio do sétimo

semestre do curso para compreender algumas inquietações vivenciadas durante o curso

No último capítulo farei um breve resumo do trabalho ressaltando os pontos principais quando falamos da relação professor-aluno.

## 2. DAS AFETIVIDADES

Começarei então pelo princípio, pois creio que são nas primeiras etapas de nossas vidas que construímos uma série de comportamentos que serão base para posteriores vivências. Acredito que somos constituídos não apenas pelo corpo e seus movimentos, pela inteligência e pela linguagem, mas muito mais do que isso, somos principalmente afetos e relações, emoções e contato.

Dessa maneira devemos considerar a afetividade como parte importante na constituição de nossas vidas. Para isso devemos pensar na Escola de Educação Infantil como uma das chaves para a exploração das emoções e relações, aspectos estes que fazem parte do trabalho realizado nesta etapa de desenvolvimento, juntamente com a estimulação da linguagem, psicomotora, e o desenvolvimento do pensamento.

Assim, para falar em afetividade é preciso considerar o que ela significa, baseada na concepção que utilizo para fazer a pesquisa. De acordo com Pessoa (2000) na Psicanálise o afeto é o estado emocional ligado à realização de uma pulsão, a tendência permanente, em geral inconsciente que dirige e incita toda a atividade do indivíduo.

Olhando ainda pela perspectiva Psicanalítica a afetividade vai se constituindo juntamente com o eu, de maneira que, acredita-se que não nascemos com um eu pronto, mas ele vai vir a se constituir a partir das relações que o sujeito estabelece, são nessas trocas que vão se constituindo as relações de afeto.

O primeiro sentimento que podemos perceber em um recém-nascido vai ser conferido, ainda que de forma muito rudimentar, através da excitação de qualidade negativa e a quietude, que são precursores dos afetos, SPITZ (1988). O autor diz que esse comportamento da excitação de qualidade negativa corresponde ao tapa dado pelo médico na hora do nascimento, isso é algo que ultrapassa o estado limiar perceptivo da criança (um estado de tranquilidade) e faz com que a criança se expresse de modo negativo (uma descarga) a algo que a tira dessa tranqüilidade. Já o oposto da excitação de qualidade negativa seria a quietude, comportamento no qual não há nenhum estímulo que ultrapasse o estado de equilíbrio, pois nessa fase ainda não há como delimitar e determinar o que realmente lhe dá prazer.

[...] Um afeto inclui, em primeiro lugar, determinadas inervações ou descargas motoras e, em segundo lugar, certos sentimentos; estes são de dois tipos: percepções das ações motoras que ocorreram e sensações diretas de prazer e desprazer que, conforme dizemos dão ao afeto seu traço predominante. Não penso, todavia, que com essa enumeração tenhamos chegado à essência de um afeto [...] (FREUD, 1916-1917, pág. 461).

Dessa maneira percebemos que mesmo de uma forma ainda discreta já temos as percepções, e essas prescindirão as afetividades. Assim podemos ver que na relação de satisfação e necessidade do bebê há também um tipo de comportamento que irá influenciar a forma como essa criança se comportará diante de algumas respostas dadas pelo cuidador através do estímulo desse bebê. Nessa relação temos duas vias diferentes de comportamento, a primeira diz respeito a como essa criança será atendida. Pelo fato de que o atendimento dessa criança pelo cuidador (que pode, ou não, ser a mãe) pode se dar de forma rápida e ágil, alegre, com raiva, com demoras, ou o não atendimento e isso poderá desencadear alguns papéis no desenvolvimento da criança. Logo, a resposta desempenhará o papel no desenvolvimento adaptativo, a criança começa a perceber como se dá a resposta de quem a atende e isso acaba por construir o seu comportamento adaptativo frente a algumas situações. As demoras provenientes desse atendimento resultarão na frustração o que é um importante instrumento adaptativo.

Já a segunda via seria a percepção e essa se dá nos bebês pela boca, a conhecida fase oral, aonde ele explora os objetos, partes do seu corpo e com isso estimula a percepção dos cinco sentidos pela cavidade oral. Desse modo, além da percepção a boca desempenha outro papel fundamental o de suprir necessidades para a sobrevivência (alimentação). (SPITZ, 1988)

Essas percepções levarão ao que chamaremos de afetos, afetos esses tão importantes no começo da vida, pois nos acompanharão ao longo de toda ela. As percepções antecedem as relações de afetos e essas são mediadoras do apego, como por exemplo, a resposta de quem dirige o amor materno à criança em relação aos estímulos dela, de uma maneira especial. Tendo em vista que há uma resposta (do cuidador) especial as reações especiais vindas do bebê podem ser estimuladas pelo som de uma voz, pela face de uma pessoa, pelo cheiro e também pelo toque.

Podemos perceber que há uma grande tendência para uma resposta diferenciada aos muitos tipos de estímulos que comumente vem do ser humano (auditivos, visuais e táteis). (BOWLBY, 1984)

É a partir dessas percepções que começam nos primórdios da vida que derivarão todos os sistemas altamente discriminatórios e refinados e que ao longo da infância e pelo resto da vida, serão mediadores do apego. Para continuarmos o percurso das afetividades durante a primeira infância será preciso que nos detenhamos ao comportamento de apego. A partir dele é que surgem algumas respostas para como lidamos com a afetividade ao longo de nossas vidas e da real importância que ele possui para nossos relacionamentos posteriores.

## 2.1. APEGO

Para começarmos a falar do comportamento de apego é importante saber o que se entende desse sentimento, num aspecto mais didático. Assim será descrita em primeiro lugar a definição retirada de um dicionário e logo após trarei a definição da área da Psicanálise, a qual me utilizo para fazer a pesquisa.

O apego é definido tal como: - "... Sentimento de afeição, de simpatia por alguém ou alguma coisa: apego excessivo às honrarias" (Dicionário Aurélio, online)

Na Psicanálise consiste em uma resposta desencadeada pela necessidade de sobrevivência da espécie e se estabelece a partir do contato entre mãe e bebê, em torno do sentido de proximidade e segurança (OLIVEIRA, acessado em 09/05/2010)

O apego é provavelmente a mais profunda das emoções. É a primeira emoção interpessoal e a mais duradoura e permanente. Ele se estabelece como um vínculo emocional que temos com aquelas pessoas que são mais importantes para nós. A presença dessas pessoas geralmente nos dá segurança e nos proporciona satisfação, elas são importantes e significativas, e sentimos saudades quando não estão presentes, são de fato insubstituíveis e quando tem de ser trocadas é impossível que algo não se altere dentro de nós.

O primeiro lugar onde a criança encontra todo esse sentimento é na família e geralmente vai se dar em maior intensidade na relação afetiva com seu principal cuidador que pode ser, ou não, a mãe. A escolha das figuras de apego para a criança dependerá em grande parte de quem a cuida e da composição da família em

que esta inserida. De acordo com Bowlby (1984, pág. 324) “... como constatação empírica não pode haver dúvida de que em virtualmente todas as culturas as pessoas em questão **figuras de apego** são sua mãe natural, pai, irmãos e talvez avós...”. (grifo do autor)

Dessa forma, como descreve o autor acima citado, a mãe é a figura referencial de apego, mas na sua falta ela é substituída por aquele que estender seus cuidados ao bebê de forma maternal. O bebê que recebe estes cuidados também tratará reciprocamente, como se fosse a mãe no caso de uma constituição familiar tradicional.

Os comportamentos de apego só podem ser assim considerados quando há um verdadeiro reconhecimento e uma resposta específica de busca de proximidade. Algumas ações mostram como pode ser reconhecida a vontade do bebê chamar para si a mãe (ou cuidador) no sentido de mantê-la junto dele como o choro, o balbuciar e o sorriso. Muitos bebês apresentam resposta diferenciada para a mãe, por volta dos três meses de idade, através desses comportamentos descritos acima.

Para percebermos o quanto é verdadeira a relação de apego entre a criança e o adulto é preciso verificar quando a criança procura esse outro. Quando percebemos que ela o procura somente quando está disposta e alegre então essa figura não designará uma relação de apego, mas conforme Bowlby (1984, pag. 325) ele será um companheiro de brinquedo e seu envolvimento com a criança será somente uma interação lúdica. No entanto, se tivermos a procura desta figura quando a criança está cansada, com fome, doente, assustada, ou em qualquer dessas circunstâncias poderemos classificar esse adulto como uma figura de apego para a criança.

[...] Os vínculos primários com pais e figuras de apego secundárias permite a formação de um modelo operativo interno ou representações internas que refletem e condensam sua história relacional e suas expectativas sobre o sentimento pessoal e relacionamento íntimo e próximo com as pessoas. É a partir dessa base que se definem as amizades entre pares, o envolvimento amoroso e a possibilidade de tornar-se pais e mães de certo modelo [...]  
(OLIVEIRA, Acessado em 09/05/2010)

Mas qual a função do comportamento de apego ? É importante percebermos de que maneira esse comportamento influencia as nossas vidas. Para tanto me apoiarei em Bowlby (1984) e em como ele descreve a principal sugestão possível para a função do apego.

De acordo com o autor o tal comportamento, tem uma dentre outras funções, a mais verossímil seria a da derivação da proteção contra os predadores. E isso pode ser percebido através de três fatos principais que descreverei a seguir.

O primeiro diz respeito à observação de algumas espécies de aves e mamíferos que mostram que são muito maiores as chances de um animal isolado ser atacado por um predador, do que, um animal que se mantém junto dos outros de sua espécie. O segundo fato diz respeito à vulnerabilidade de animais pequenos, doentes e fêmeas grávidas, pois nesses o comportamento de apego seria mais fácil e intenso. O terceiro fato apontaria para que a elevação da intensidade do apego em situações de alarma que são situações vivenciadas quando se pressente ou se suspeita a presença de um predador.

Assim, podemos perceber que o apego é não só um sentimento de ligação ao outro, mas uma atitude de preservação de si mesmo. Conforme vimos o atendimento a criança e os cuidados a ela são tão importantes para a construção das figuras de apego que não podemos descartar a validade dessa suposição.

Nesse capítulo procurei estabelecer as afetividades no começo da vida e como elas são importantes para as posteriores vivências, com o propósito de traçar um perfil sobre os sentimentos das crianças.

### 3. RELAÇÃO TRANSFERENCIAL

Nesse capítulo falaremos de relação transferencial que como o próprio nome já salienta, é conexão entre duas pessoas, aqui no caso, será constituída entre o aluno e o professor.

Assim segundo Freud citado por Kupfer (1992, pág.88) “a transferência ocorre em todas as relações humanas”. Acredito ser de extrema importância enfatizar este fato, pois veremos em muitos livros este termo ser usado em circunstâncias de análise psicanalítica dirigindo-se ao psicanalista e o seu paciente. Utilizarei tal conceito, dirigindo-o para a relação que nos importa, o professor e o aluno.

Freud (1911) conceitua como a repetição de algo já vivido e escondido no inconsciente e que algo ou alguém com forte vínculo desencadeia e faz com que se reviva na não realidade. Parece complicado entender do que se está falando, mas vamos por partes.

Em nosso inconsciente guardamos repressões e lembranças que não temos o controle. Assim em uma relação em que há uma grande sintonia com a outra pessoa é possível que, por essa pessoa ter convivência conosco, ser confiável, transferimos para ela, inconscientemente, uma lembrança ou uma repressão esvaziando o sentido dessa pessoa, tornando-a outra. Por isso, diz-se reviver na não realidade, pois ali já não está mais somente uma pessoa, mas ela dotada de sentido pelo outro.

Dessa maneira, sugiro pensarmos agora na ligação professor-aluno, considerando o conceito de transferência. Quando o professor torna-se uma figura de transferência, o que se transfere aí são as experiências vividas primitivamente com os pais. E é por isso, que insisto na importância do assunto que foi abordado no primeiro capítulo, pois é através da vivência das afetividades na primeira infância, com os pais, que as crianças constituirão suas posteriores relações. Logo, podemos dizer que a figura dos pais se transfere para a do professor e essa ação pode resultar em uma transferência.

[...] A natureza e a qualidade das relações da criança com as pessoas do seu próprio sexo e do sexo oposto, já foi firmada nos primeiros seis anos de

vida. Ela pode posteriormente desenvolvê-las e transformá-las em certas direções, mas não pode mais livrar-se delas. As pessoas a quem se acha assim ligada são os pais (ou substitutos) e os irmãos e irmãs. Todos que vem a conhecer mais tarde tornam-se figuras substitutas desses primeiros objetos de seus sentimentos. Todas as escolhas posteriores de amizades e amor seguem a base das lembranças deixadas por esses primeiros protótipos. [...] (FREUD, 1914, pág. 287).

A transferência pode ser tanto positiva quanto negativa, segundo Freud (1917). A positiva será aquela em que há sentimentos afetuosos. Ela reveste a pessoa transferida, no caso o professor, de autoridade e transforma o que ele diz e pensa, em crenças (investe de poder). Já no caso da negativa isso se dará da forma contrária e, de fato nada que essa pessoa faça será prestigiado, ou ao menos, escutado.

As duas transferências têm algo em comum e que nos interessa muito. Para que haja qualquer uma das duas é preciso que tenhamos um vínculo afetivo. É ele que garantirá a ocorrência dessa situação.

[...] Os sentimentos hostis indicam, tal qual os afetuosos, haver um vínculo afetivo, da mesma forma como o desafio, tanto como a obediência, significa dependência, embora tendo à sua frente um sinal 'menos' em lugar de 'mais'. [...] (FREUD, 1917 pág. 516).

Dessa maneira, podemos perceber que a transferência necessita de um vínculo afetivo para que possa instaurar-se. Mas, não somente isso, o inconsciente busca agarrar-se a "formas" para depois esvaziá-las, e aí, sim conferir o sentido que lhe interessa. Podemos definir que, transferir é também, de certa maneira, atribuir um sentido especial aquela figura determinada pelo desejo.

Por motivo da transferência acabamos por nos tornar depositários, guardamos conosco algo que pertence ao outro, o desejo. Dessa forma, em outras palavras, o professor começa a tornar-se depositário de algo que pertence ao aluno, e assim ele carrega-se de uma importância especial, o desejo do seu aluno. Dessa relação, quando temos uma transferência positiva, a pessoa empregada desse desejo acaba por ter certo controle sobre a outra. Poder esse que pode ser investido afetuosamente ou não, pois esse (professor) também é carregado de vínculos

afetivos, que por sua vez, também faz com que tenha as suas transferências positivas ou negativas.

Acredita-se que as transferências de sentido são manipuladas pelo desejo, podendo haver aí também uma transferência de poder. Este poder faz com que a fala da pessoa deixe de ser objetiva, e passe a ser escutada através da especial posição que ocupa no inconsciente do sujeito que conferiu a ela essa relação.

Logo, poderemos perceber em alguns exemplos que citarei do nosso cotidiano. Quando nos deparamos com algumas crianças que na escola preferem uma matéria a outra. Essa escolha pode estar relacionada com a relação transferencial que a criança tem com o professor, pois como havia dito anteriormente, a fala do professor vai ser escutada de forma especial, revestida pelo desejo do aluno e isso faz com que o conteúdo possa parecer mais prazeroso do que outro, que não está investido desta relação. Também há exemplos de crianças que marcadas por essa relação (transferência-desejo) optaram, mais tarde, pela mesma profissão seja da área de conhecimento ou pela própria profissão de professor que receberam influências de relação transferencial. Casos como esses, vivenciados em nosso cotidiano, geralmente nem são percebidos da forma com citei aqui, mas acontecem diariamente se que nos demos conta.

Os casos descritos acima nos mostram um tipo de relação tranferencial, e o que ela pode ocasionar. Porém, temos que considerar outro fator que está implícito na relação de transferência, que é o conceito de resistência. Se estivéssemos em uma clínica psicanalítica a resistência seria bem vinda, pois ela se origina de uma repressão. A repressão que causa essa resistência é a chave para a abertura de fatos inconscientes, que foram acessados por meio dela, e que farão com que o Psicanalista possa trabalhar em cima desses assuntos ainda não resolvidos do paciente.

Para nós professores, no entanto, a resistência pode ser algo que não contribua muito para o desenvolvimento da relação professor-aluno. Ao nos depararmos com aquele aluno desmotivado, que não consegue acompanhar as aulas, podemos estar lidando com uma situação de resistência. Geralmente é difícil de se achar uma resposta para tal situação pois, qualquer mudança que se faça somente no conteúdo, não trará muitos resultados. Assim esse mal estar pode ser de outra proporção que não apenas didática.

Algumas dificuldades de aprendizagem, como citado anteriormente, podem ser advindas dessa resistência, e esta se dá por resquícios de vivências anteriores, guardadas no inconsciente e agora despertadas pela relação transferencial, que ainda não foram elaboradas pelo sujeito.

E assim, da mesma forma para o professor, pois ele com o seu grupo é dotado de sentimentos e pode adquirir alguma resistência em relação a um aluno em específico, o que pode dificultar o seu trabalho. Pois, a resistência pode fazer emergir alguma repressão e como na relação tranferencial, investir alguém (uma forma) de algo negativo, o que faz com que não nos relacionemos bem com a pessoa em questão. Por isso a dificuldade do trabalho do professor em não deixar que esse tipo de situação possa atrapalhar seu trabalho.

Sendo assim, o que pretendo dentro deste trabalho é poder falar sobre as afetividades que rodeiam a sala de aula. Mostrando de um lado os alunos e de outro os professores, que passaram pelas mesmas fases para a construção de suas relações, e que agora em fases diferentes da vida (professor-aluno) põe a prova suas bases de sentimentos.

Dessa maneira, acredito que há amplitude de pesquisas sobre como os alunos lidam com seus sentimentos dentro da sala de aula, mas me parece que esquecemos um pouco de como o professor lida com a mesma condição.

O que se precisa perceber é a importância colocada nessa pessoa, pois é a partir daí que se começa a entender o quanto o professor é uma pessoa comum como todas as outras. Que é suscetível a emoções, a erros, a acertos, a tentativas e a qualquer outra coisa.

Pensando em tudo isso, também deve o professor lembrar que sendo investidor de tantas emoções, ele precisa cuidar da forma como lida com esse poder nele colocado por seus alunos. Muitos comportamentos vindos do professor podem comprometer seriamente uma criança que tenha uma relação transferencial forte com ele (KUPFER,1992).

Sendo assim, o que pretendo dentro deste trabalho é poder falar sobre as afetividades que rodeiam a sala de aula. Mostrando de um lado os alunos e de outro os professores, que passaram pelas mesmas fases para a construção de suas relações, e que agora em fases diferentes da vida (professor-aluno) põe a prova suas bases de sentimentos.

Pensando assim, acredito que há uma amplitude de pesquisas sobre como os alunos lidam com seus sentimentos dentro da sala de aula, mas me parece que esquecemos um pouco de como o professor lida com a mesma condição. O que se precisa perceber é a importância colocada nessa pessoa, pois é a partir daí que se começa a entender o quanto o professor é uma pessoa comum como todas as outras. Que é suscetível a emoções, a erros, a acertos, a tentativas e a qualquer outra coisa.

[...] Do educador também se espera o domínio de seus afetos, na forma de consciência de sentimentos, tais como simpatia ou antipatia, identificação ou contra-identificação, admiração ou desprezo, e sua canalização positiva, a serviço de bem ensinar. [...] (FORTUNA, 2007, acessado em 11/05/2010)

Porém, conforme sugere Fortuna (2007) o professor tem que lidar com isto de forma positiva, mas de que forma ele pode conseguir isto sem que tenha apoio. Acredito que grande parte do mal estar docente, que vem se acometendo na atualidade, deve-se a falta de apoio para lidar com as relações afetivas dentro da sala de aula. Como trouxe, anteriormente, o professor torna-se depositário dos desejos dos seus alunos, mas ele também trás consigo os seus e isso gera uma sobrecarga emocional em sua figura

## 4. CONSTRUINDO PONTES: VÍNCULO – DESEJO – APRENDIZAGEM

### 4.1. VÍNCULOS

Conforme venho desenvolvendo neste trabalho, apresentei uma abordagem das afetividades que permeiam a relação professor-aluno. Acredito que elas são muito importantes e é através delas que criamos o vínculo. Na teoria Psicanalítica acredita-se que para possibilitar a aprendizagem é preciso que haja uma relação vincular entre professor e aluno. Dessa relação também surge o desejo (conceito da psicanálise) que possibilita que o processo de ensino-aprendizagem não seja algo sacrificante.

O vínculo afetivo pode ser definido pelo comportamento de apego. É a partir dele que, ainda quando bebês, criamos base para nossas relações vinculares. No sub-capítulo sobre o apego, descrevo que é através de nossas primeiras interações (mãe/cuidador –bebê) que construímos uma base que será utilizada para a formação dessas relações.

Segundo Bowlby (2006, pág. 171) sobre o vínculo afetivo que ele, descreve em seu livro como comportamento de ligação, propõe que;

[...] Em suma, o comportamento de ligação é concebido como qualquer forma de comportamento que resulta em que uma pessoa alcance ou mantenha a proximidade com algum outro indivíduo diferenciado e preferido, o qual é usualmente considerado mais forte e (ou) mais sábio. Embora seja especialmente evidenciado durante os primeiros anos da infância, sustenta-se que o comportamento de ligação caracteriza os seres humanos do berço a sepultura. [...]

A partir de nossa estrutura familiar é que vamos desenvolver tipos de ligações, que podem ser, entre outras, de ansiedade e de desligamento. A relação de ansiedade diz respeito ao comportamento em que crianças, adolescentes ou adultos mostram-se ansiosos, inseguros, superdependentes ou imaturos. A relação de desligamento compreenderá os indivíduos que não conseguem manter vínculos afetivos estáveis com quem quer que seja.

Dessa maneira, podemos inferir que existe uma relação de causalidade entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos.

Sendo assim, quando falamos de uma relação de vinculação não devemos apenas pensar nas duas pessoas em questão, por exemplo, professor e aluno. Temos que fazer uma retomada das vivências anteriores, dos envolvidos, pois é aí que descobriremos o porquê do sujeito se vincular ou não de uma determinada maneira. Para Bowlby (2006, p. 12), “Freud insistiu no fato óbvio de que as raízes de nossa vida emocional mergulham na infância.”

Além disso, não podemos esquecer que o vínculo é grande aliado quando falamos em aprendizagem. Logo, não poderíamos falar dele sem falar de dois outros conceitos que estão intimamente ligados que são o desejo e a aprendizagem.

#### 4.2. O DESEJO

O desejo na teoria psicanalítica é uma dimensão essencial, que compreende uma realidade psíquica e não material. Ele não é assimilável ao registro da vontade e do querer. (KUPFER, 1999)

De acordo com Lacan (1978) o desejo aparece ligado a uma falta, esta não pode ser preenchida por nenhum objeto. O objeto do desejo não é o objeto da necessidade, mas o objeto da pulsão eternamente faltante, para sempre perdido, mas incessantemente buscado (LACAN, 1978).

Entende-se o desejo como algo que não temos controle, este pode ser desencadeado por diversas situações experimentadas durante a vida. Quando falamos da aprendizagem, podemos dizer esse sentimento pode ser estimulado por um Outro (o professor, os pais), que pressionam para que a criança estude, seja bem sucedida. Dessa maneira, não podemos confundir o desejo com o limite (imposto pela sociedade, como a importância dos estudos).

Quando falamos em desejo do Outro (pais, professores) em relação ao outro (aluno), quero exemplificar situações em que esse sentimento ultrapassa a percepção do outro, que responde com o intuito de agradar ou desagradar.

Parece um pouco confuso, mas tentarei exemplificar.

Quando temos uma relação transferencial com o professor, que é “apaixonado” pelo seu trabalho, é possível que dentro dessa relação o professor consiga transferir essa “paixão” para o aluno. Esse é um desejo do professor, mas que poderá ser adicionado ao aluno. Por meio do contágio ou também por uma simples maneira de agradar o professor, mas que não condiz com o real desejo do aluno. Temos também, um exemplo negativo dessa situação, quando os pais desejam muito que o filho estude, isso se projeta para o filho e esse, por sua vez, carrega esse desejo, que não é seu, mas sim, dos seus pais. Destaco este fato como ser negativo, pois o desejo dos pais, pode ser acompanhado por pressões, autoritarismo, castigos, e isto implicaria, no que anteriormente havia citado, num desejar aquilo que o outro deseja para mim, com o intuito de agradar , mas ao mesmo tempo contrariando os meus próprios desejos . Mas, também poderia ser ao contrário eu não devo desejar aquilo que desejam para mim com o intuito de desagradar , e essas duas condições podem levar o aluno a ter problemas de aprendizagem no decorrer da vida escolar como fora dela também.

Acredito que são muitos os fatores somados, para que possamos criar o desejo dentro de nosso inconsciente. Remetendo-me ao capítulo sobre transferência, dizemos que é a partir do desejo que o aluno investe o professor de poder. Para que ocorra a transferência é preciso que tenhamos um vínculo afetivo, pois é nessa relação que criamos o desejo. Desejo esse que pode ser de pulsões, repressões entre outros.

O que podemos perceber é que para ocorra o desejo é preciso juntar alguns outros conceitos. Exemplifico melhor no desenho abaixo:



Logo, percebemos segundo o esquema, que para que a relação professor-aluno possa ser bem sucedida é preciso que esta compreenda em primeiro lugar o vínculo afetivo, entre os pares. A partir do estabelecimento desse vínculo podemos ter a transferência que pode ser tanto do aluno para o professor como vice-versa.

Assim, através da transferência, pode surgir o desejo. Quando o desejo é por parte do aluno, o professor é investido por ele de poder. Este poder age como um complemento, pois a partir disto, o aluno acredita e outorga o direito de ensinar ao professor e isso é um grande aliado quando falamos de aprendizagem. E ainda contribui para uma melhora no trabalho do professor.

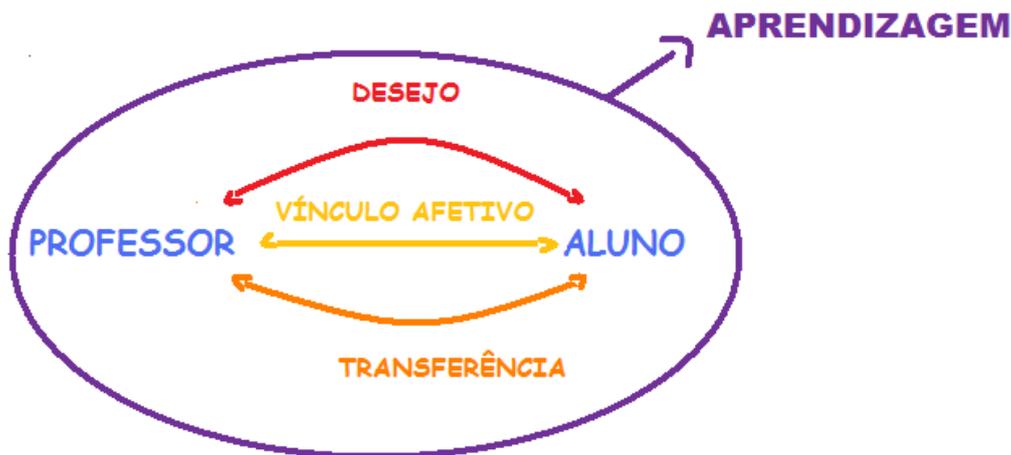
#### 4.3. APRENDIZAGEM

No sub-capítulo anterior, relacionei os sentimentos envolvidos na relação professor-aluno e que possibilitam a aprendizagem. Mas para falarmos em aprender é preciso que identifiquemos o que ela significa dentro das bases teóricas que me apoio para realizar este trabalho.

Segundo Fernández (1991. pág. 48) sobre a aprendizagem, com base na teoria psicanalítica;

“O aprender transcorre no seio de um vínculo humano cuja matriz toma forma nos primeiros vínculos mãe-pai-filho-irmão... A aprendizagem é um processo cuja matriz é vincular e lúdica e sua raiz corporal; [...]”

Tendo em vista isto, a aprendizagem é:



Então, para aprender é preciso primeiramente que tenhamos aquele que ensina e aquele que aprende, Fernández (1991) atribui nomes a esses sujeitos, ensinante e aprendente, respectivamente. Com a conciliação desse par teremos as afetividades que inter cruzam esses dois e que tornam propício o campo para a aprendizagem.

No entanto, é preciso que primeiramente retornemos a raízes infantis para descobrirmos como a aprendizagem é despertada. Assim Kupfer (1992), citando Freud, nos trás que a curiosidade infantil desperta o desejo de saber. Desse modo, entendemos que os porquês das crianças (porque existe dia? porque existe noite?) é a maneira que ela possui para situar duas questões primordiais, porque nascemos e porque morremos. Assim, Freud (citado por KUPFER, 1992) diz que o começo dessas preocupações está ligado a descoberta da diferença sexual anatômica. Essa descoberta gera angústias e essas é que despertam o interesse em querer saber, o desejo inconsciente.

A aprendizagem de forma resumida caracteriza-se dessa maneira:

[...] São os vínculos afetivos que possibilitam a relação transferencial, tão exaltada pela psicanálise, responsável por converter o desejo de ensinar e o desejo de aprender em conhecimento, através da autorização mútua que se opera entre sujeitos que ensinam e aprendem. Afinal, um conteúdo aprendido só faz sentido para alguém caso esse conteúdo relacione-se com sua verdade inconsciente, isto é, com seus desejos, com um saber prévio [...] (FORTUNA, 2007, acessado em 11/05/2010)

Portanto devemos entender que a aprendizagem está longe de ser algo propiciado somente entre duas pessoas, sem que nada interfira nesse sistema. Ela é um conjunto que se forma muito antes de sabermos o que é a relação professor-aluno, e que as duas partes envolvidas, participam enquanto se constituem como sujeitos.

## 5. DESENCOBRINDO O ENCOBERTO

### 5.1. AS MINI-PRÁTICAS

Como aluna de Licenciatura em Pedagogia da UFRGS, durante minha trajetória neste curso passei pelas chamadas “Mini- Práticas”. Assim denominadas, pois dizem respeito a um mini- estágio, compreendido por duas semanas, sendo uma semana apenas para a observação e a outra para, em conjunto com a professora titular da turma escolhida, propor atividades para a turma.

Essa foi uma renovação do Currículo antigo, que antes propunha somente no quarto semestre uma observação de uma sala de aula e, após, um relatório sobre esta observação. O momento da chegada desse semestre era bastante assustador, porque somente depois de dois anos de estudos é que se tinha contato com uma escola, a fim de proporcionar bases para a formação. Como se não bastasse, para este semestre, também tinha que ser feita uma escolha, para qual área da Pedagogia o(a) aluno(a) gostaria de atuar, se na Educação Infantil (crianças de 0 á 6 anos) ou nas Séries Iniciais (7 á 10 anos). Pois, a partir daí havia uma cisão, e separavam-se as Séries Iniciais da Educação Infantil.

Contudo, no semestre de 2007/2 entrou em vigor o novo Currículo para as Licenciaturas e a Pedagogia. Além de abrir novas áreas dentro do curso, mudava também a habilitação. O Curso agora não se dividia mais em duas habilitações formando o Pedagogo Generalista, que graduaria Licenciados em Pedagogia compreendendo as duas habilitações anteriores, além de EJA (Educação de Jovens e Adultos), Orientação e Gestão escolar.

[...] As Diretrizes Curriculares para o Curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio de modalidade Normal e em cursos de Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos. A formação oferecida abrangerá, integradamente à docência, a participação da gestão e avaliação de sistemas e instituições de ensino em geral, a elaboração, a execução, o acompanhamento de programas e as atividades educativas. [...] (CNE, 2005, nº 5 - Acessado em 29/05/2010)

É a partir dessa mudança, que no curso de Pedagogia da UFRGS começou-se a pensar em colocar o aluno em formação mais perto da escola e de sua área de atuação. Assim surgiram as “Mini-Práticas”, que como próprio nome diz são pequenas práticas feitas em conjunto com docentes que já atuam na sala de aula. Essas práticas são atreladas a uma cadeira obrigatória chamada Seminário de Docência, que a cada semestre vão dando ênfase a alguma área específica. Como, por exemplo, a Escola (em um âmbito geral), a Gestão Escolar, a Educação Infantil, as Séries Iniciais, ao EJA e aos Espaços Não Escolares (hospitais, brinquedotecas, entre outros). Tal mudança ocorreu com o intuito de proporcionar melhoras no Curso e possibilitar uma ligação maior entre futuros professores e a Escola.

Porém, o que me faz refletir sobre as “Mini-práticas” é como se dá o envolvimento da nova professora (graduanda) que chega a uma turma, que já possui uma professora titular que já mantém uma relação de confiança com esta turma. A forma como são desenvolvidas tais práticas se dá da seguinte maneira: uma semana de observação; logo após essa semana fica-se um mês, em aula na Universidade (sem contato com a Escola), para depois, no final desse mês haver um retorno para que junto com a titular da turma, monte-se um planejamento para uma semana de aula, que deve ser ministrada pela graduanda do curso.

A partir da discussão que venho fazendo ao longo do trabalho, pode-se perceber a importância das afetividades e da vinculação entre professor-aluno (transferência, desejo) para que ocorra a aprendizagem.

Hoje fazendo um apanhado de minhas práticas penso em quantas frustrações tive sem compreender bem o porquê. Digo dessa forma, pois pensando na Educação Infantil, para criarmos uma relação de apego com uma criança pequena requer um tempo. Para que possamos estabelecer vínculos afetivos é preciso tempo e dedicação, acompanhamento, para que assim a criança possa adquirir confiança, pois é por meio desta que ela consegue se relacionar afetivamente.

A seguir proponho pensarmos no exemplo de Lima (2009, acessado em 01/06/2010) que mostra como pode ser prejudicial uma inadaptação do aluno ao professor:

[...] Esta é a história de Edmilson, aluno de uma escola pública do município de Iranduba, oriundo de uma família humilde de agricultores de zona rural da cidade.

Até o 2º bimestre do vigente ano letivo, ele se desenvolvia normalmente, aprendia com facilidade e tinha bom relacionamento com os colegas e professores de sua escola.

O drama da sua inadaptação começa quando acontece a substituição de professores em sua sala de aula no término do 2º bimestre.

A previsível dificuldade de aceitação da nova professora foi a possível causa de mudanças no comportamento de Edmilson, que após algumas semanas de convívio, começou a demonstrar certa intolerância ao adentrar no ambiente escolar, apresentando insegurança através de choros, no portão da escola, e quando aceitava entrar em sala de aula, após alguns instantes, simulava mal estar, para ser liberado a voltar para casa. [...]

A partir desta citação é possível perceber o quanto é importante essa vinculação entre professor-aluno. É a partir desse vínculo que a criança se sente segura e consegue interagir no ambiente escolar. Um exemplo desse tempo para a formação de vínculo é a adaptação que a criança (Educação Infantil) faz ao chegar a uma Escola. A adaptação é necessária para que ela tenha um tempo para se apegar às professoras, assistentes, colegas e outros. É algo necessário para que a criança não tenha comportamentos como no exemplo, acima citado, que a fazem não aproveitar o convívio escolar.

[...] O contexto social e o ajustamento determinado por seus fatores de influência produzem e fixam sentimentos muitas vezes desfavoráveis à adaptação escolar. Sentir significa estar presente, é inerente a ação e ao pensamento da criança. Durante o período de adaptação escolar ocorrem sentimentos de grande intensidade e insegurança.[...] A adaptação escolar traz, como exigência interna, a sensibilização das pessoas envolvidas, o desenvolvimento de relações entre professor-aluno e professor-pais, de forma a gerar confiança; inclui satisfação pessoal em relação ao ambiente e as pessoas. [...] (SOUZA, 1993, p. 9)

Percebe-se a grande importância dada a adaptação pelas atitudes tomadas por parte de muitas escolas, que tem um próprio programa para receber de maneira especial a criança a ser adaptada.

Voltando novamente as “mini-práticas” , é justamente a impossibilidade de assegurar o vínculo estabelecido durante a semana de observação para a semana de prática que acaba por minimizar a relação entre professor e aluno. O tempo entre a observação e a prática para os alunos da Educação Infantil é crucial. Crianças que

ainda não tem definido o que é um mês de separação. Para elas o que ocorre é uma perda e quando a professora (graduanda) retorna a Instituição ela é uma novidade já que elas nem sempre poderão lembrar da sua figura.

Dessa forma, pode-se perceber que temos um rompimento de vínculos e, que como antes descrevi, para constituí-los novamente leva um tempo. É desse tempo que não dispomos dentro de uma semana em que temos de propor atividades para a turma. Não é difícil perceber que sem uma relação de confiança entre a criança e a graduanda (da Pedagogia) não há como garantir uma a relação de ensino-aprendizagem efetiva.

Pensando ainda no tempo de distanciamento entre a observação e a prática saliento também as mudanças que podem ocorrer durante um mês. Por exemplo, com crianças de seis meses a um ano podem ocorrer significativos avanços em seu desenvolvimento motor estes podem iniciar a caminhar e ou apresentar domínio maior de seu corpo. Em outras faixas etárias mudanças de fases, interesses, projetos sendo desenvolvidos, também são pontos que devem ser considerados.

Assim o que penso é que as mini-práticas são uma grande conquista dentro do Curso mas, que elas também podem trazer alguns “prejuízos”, tanto para a graduanda quanto para as crianças, pela organização que possuem.

Acredito que as mini-práticas me ajudaram durante o curso a perceber como é importante ter um bom relacionamento com os alunos dentro da sala de aula. E que ao assegurar a relação de apego com as crianças pode-se fazer com que elas estabeleçam algumas relações de afetividade e de confiança conosco, e isso faz a diferença no trabalho com a turma.

Assim muitas vezes me perguntei o que estava errado com minhas práticas, o que não compreendia é que não havia nada de errado mas uma falta, falta de uma relação entre eu e os alunos, que só pude compreender quando comecei o Estágio obrigatório para a conclusão do curso.

Portanto acredito que as mini-práticas fazem sim a aproximação da graduanda com a escola e que isso é uma grande conquista para o curso de Pedagogia da UFRGS. Mas tais práticas também podem contribuir para desmotivar graduandas no seu processo de formação. Por isso, entendo que esse tempo que permeia a observação e a prática poderia ser diminuído para que, dessa forma,

pudesse assegurar que o apego adquirido entre a aluna (o) do curso e as crianças pudesse se manter.

Mantendo esse vínculo poderíamos garantir a manutenção do apego estabelecido inicialmente facilitando deste modo a continuidade ao trabalho, já que, é dessa maneira que funciona a vida escolar da criança.

## 5.2. O ESTÁGIO

O estágio obrigatório do curso de Pedagogia acontece no sétimo semestre. Com a mudança do Currículo, como havia citado no texto acima, passou-se a formar um Pedagogo generalista que pode atuar em diversas áreas. Assim quando chegamos ao estágio temos que escolher entre a Educação Infantil, as Séries Iniciais e o EJA para fazê-lo.

[...] Os Estágios de Docência são atividades de ensino de caráter teórico-prático, obrigatórias à integralização de qualquer um dos cursos de licenciatura da UFRGS, conforme projeto pedagógico de cada curso, e compreendem um conjunto de atividades para a atuação como professor, envolvendo interação com a comunidade escolar; a compreensão da organização e do planejamento escolar; planejamento, execução e avaliação de atividades docentes, de acordo com a legislação vigente [...] (RESOLUÇÃO Nº 31/2007 – CEPE/UFRGS, acessado em 20/06/2010)

Dentro do estágio possuímos uma semana para a observação da turma, para acompanharmos a rotina e também começarmos uma relação de apego que irá ao longo do estágio se fortalecer. Logo após, na semana seguinte, damos início as atividades como estagiária da turma, que terá continuidade por 15 semanas sem contar com a semana da observação.

Incluindo todos esses procedimentos, citados anteriormente, também cabe a estagiária procurar um local para realizar o estágio. Assim, o que me apegarei neste capítulo será a instituição em que realizei meu estágio obrigatório. Não revelarei o nome da escola por questões éticas. Acredito que as considerações a serem feitas não são críticas a instituição mas, fatores que podem nos levar a reflexões em torno

da relação professor-aluno e os vínculos afetivos estabelecidos em qualquer instituição.

Durante meu período de estágio percebi que a Escola em que estava era bastante “frequentada”. Faço esta afirmação entendendo que, além de haver muitos professores também era bastante procurada por graduandos do curso de Pedagogia para o estágio obrigatório e para as mini-práticas, e também por graduandos provenientes de outros cursos como Educação Física, Nutrição, Enfermagem, Psicologia entre outros.

Comecei a perceber esta superpopulação quando observei que a turma em que eu fazia estágio já havia passado naquele ano (2009), no primeiro semestre, por uma série de estagiários: de pedagogia, de nutrição, enfermagem, de educação física, entre outros.

O que primeiramente destaco é que a maioria dos profissionais ligados à turma eram estagiários, que geralmente possuem um vínculo de um semestre, o que quer dizer que ao longo de um ano irão mudar pelo menos uma ou duas vezes. Acredito na importância de fazermos com que a criança conviva bem com diferentes pessoas e possa habituar-se também aos profissionais diversos que compõem a escola.

Mas, o que chama mais a atenção, é que a escola é composta por muitos estagiários e esses têm vínculos pequenos e a troca de pessoas no ambiente é bastante grande. Acredito que essas mudanças não trazem muitos benefícios para crianças de Educação Infantil que necessitam de um ambiente tranquilo, confiável e isso depende das relações que se formarão dentro da Instituição.

A Instituição se beneficia muito também com a entrada de outros profissionais, assim percebo que não é a grande diversidade de profissionais existentes mas o tempo de vínculo que estes têm com a escola.

Por causa desta variação de profissionais há um constante rompimento de vínculos, e isso pode ser prejudicial à vida afetiva das crianças em questão.

[...] No entanto, aqueles que acreditam ser casual a relação entre o rompimento de vínculos afetivos durante a infância e a deterioração da capacidade para manter vínculos afetivos, apontam outras provas que sustentam sua hipótese. Tais hipóteses envolvem o modo pelo qual jovens primatas humanos e subumanos se comportam quando um vínculo afetivo é rompido por separação ou morte [...] (BOWLBY, 2006, p. 106)

Como vimos no capítulo anterior e na citação acima, o rompimento de vínculos pode levar a alguns problemas para uma nova construção deles. Isso faz com que a criança se torne mais resistente a novas relações.

Desse modo ficam prejudicadas as bases da afetividade, que nessa faixa etária são de grande importância para a constituição de posteriores relações vinculares. Assim é preciso entender que sim, a criança precisa de uma convivência diversificada mas, que alguns vínculos quando se rompem deixam marcas que podem afetar a vida relacional da criança mais tarde.

Quando estava em estágio percebi que muitas pessoas adentravam a sala de aula, e também como de alguma forma era banalizada a chegada de mais uma estagiária pelas crianças que já estavam acostumadas com essa movimentação, e já não se importavam mais com a entrada de novas pessoas. Acredito que isso acaba acontecendo quando passamos por sucessivas trocas de relações. Não deixamos nos apegar por medo de uma possível perda que como em outros casos já havia ocorrido.

As crianças com as quais trabalhei tinham outra peculiaridade, que deve ser ligada ao fato descrito acima. Elas por muitas vezes não tinham uma referência dentro de sala. Esse fato ocorria, pois tinham duas professoras titulares mais uma “estagiária”, ou outras graduandas das mini-práticas ou de outras faculdades com algum tipo de projeto para desenvolver com elas.

[...] É especialmente fácil para nós subestimar o efeito de perda nas crianças. As crianças são distrativas e a vida borbulha nelas, quer queiram quer não queiram. [...] Ou talvez a criança não tenha tempo de pagar por esta tristeza e desesperança subjacentes, e acaba sendo criada uma falsa personalidade, uma personalidade jocosa e vazia e infinitivamente dispersiva. Então surge a queixa de que a criança nunca se concentra em nada, ou passa de um relacionamento para o outro sem a capacidade de fazer amigos [...] (WINNICOTT, 2005, p. 64)

Acredito que esta citação serve de alerta, pois temos a idéia de que a criança sofre mas, só um pouco, porque não entende a dimensão da perda. Quando na verdade é o contrário, o adulto por não se sentir bem com a perda priva a criança de tal sofrimento.

Dessa maneira, quando falamos de perdas, como na escola, devemos lembrar que isso pode trazer algumas conseqüências para as crianças. Que como os adultos elas sofrem quando perdem (por separação) um amigo, uma pessoa querida e isso requer um olhar especial, visto que, pode trazer problemas não só de relacionamento mas também, para a aprendizagem.

Logo, ao pensar em todos os fatos descritos nesse sub-capítulo acredito que devemos olhar com maior atenção para a variação de profissionais que ocorre dentro de uma escola, pois são a partir dessas mudanças que podem ser desencadeados alguns problemas de relacionamento e de aprendizagem.

## 6. TERMINANDO OU APENAS COMEÇANDO?

Ao longo deste trabalho pude acrescentar a minha formação, novas respostas a perguntas tão presentes durante o desenvolvimento do curso de Pedagogia. Busquei entender como a relação afetiva compreendida pela teoria Psicanalítica é importante quando falamos na relação professor-aluno.

Durante essa busca encontrei respostas que me incentivaram a querer mais, buscar de alguma maneira o que para mim parecia encoberto. Assim, no primeiro momento deste trabalho, acreditei que faria apenas uma revisão de conceitos da Psicanálise, utilizando-os como base, para discutir alguns fatos vivenciados durante o curso. Mas o que percebi é que estudando alguns conceitos, realizei “novas descobertas”, que me fizeram compreender porque algumas coisas pareciam não estar certas.

Assim, o objetivo principal deste trabalho era problematizar a relação vincular que se estabelece entre aluno-professor e como isso pode refletir-se na aprendizagem. Procurei também fazer uma análise dos vínculos que podem ser estabelecidos com as estagiárias e o que representa a entrada de outra professora na sala de aula por parte das crianças.

As afetividades durante a infância são as bases para nossas relações afetivas. O apego é provavelmente a mais profunda das emoções, e é a primeira emoção interpessoal e a mais duradoura e permanente. Ele se estabelece como um vínculo emocional que temos com aquelas pessoas que são mais importantes para nós.

Dessa maneira, é através do comportamento de apego que temos a transferência. Na relação professor-aluno ela pode ser tanto positiva quanto negativa. Assim, algumas dificuldades de aprendizagem, podem ser advindas da resistência, e esta se dá por resquícios de vivências anteriores, guardadas no inconsciente e agora despertadas pela relação transferencial, que ainda não foram elaboradas pelo sujeito. Essas condições implicam na aprendizagem dos alunos e no trabalho do professor.

Entendo que o vínculo afetivo pode ser definido pelo comportamento de apego. É a partir dele que, ainda quando bebês, criamos a base para nossas

relações vinculares. Podemos inferir que existe uma relação de causalidade entre as experiências de um indivíduo com seus pais e sua capacidade posterior para estabelecer vínculos.

A partir dos estudos em psicanálise pude perceber que a aprendizagem está ligada a curiosidade infantil e que esta curiosidade desperta o desejo de saber. É no entendimento dos porquês da criança que se verifica a maneira como ela situa duas questões primordiais: porque nascemos e porque morremos. Assim o começo dessas preocupações está ligado a descoberta da diferença sexual anatômica. Essa descoberta gera angústias e essas é que despertam o interesse em querer saber, e o desejo inconsciente.

Portanto, em síntese, a relação transferencial só é propiciada quando se tem uma relação de apego com a outra pessoa envolvida. Essa relação é uma importante base para desencadear a transferência e a formação de vínculos. Juntos, eles formam uma tríade que pode vir a tornar a aprendizagem prazerosa e prevenir futuros problemas de aprendizagem que, por ventura, surjam ao longo da vida escolar.

Logo, além da garantia da aprendizagem pude, através das minhas mini-práticas e do estágio obrigatório, deduzir que tanto as construções de vínculos, quanto o rompimento desses, interferem nessa condição.

Ao final deste trabalho compreendo como é de grande importância entender as afetividades que permeiam a escola, e como podemos observar os comportamentos de nossos alunos com base nos estudos sobre os vínculos afetivos. Acredito que, como disse no primeiro capítulo e durante os estudos para o desenvolvimento desse trabalho, é de grande importância que primeiramente entendamo-nos para poder compreender melhor o outro.

“[...] para assim compreendermos melhor em primeiro lugar nós mesmos e para depois compreendermos o outro, aquele indivíduo presente nas salas de aulas que precisa para além da educação um olhar diferenciado, que possa ajudá-lo a compreender-se melhor.[...]”

Aceitando que assim poderemos entender melhor a nossa existência e a dimensão da docência. Que, aqui no caso, compreende dois lados: o professor e o aluno.

## 7. REFÊRENCIAS

BOWLBY, John. Formação e rompimento dos laços afetivos. São Paulo. Martins Fontes, 2006, 4ª ed.

\_\_\_\_\_. Apego e Perda: Apego. v.1 . São Paulo. Martins Fontes, 1984, 1ªed.

CNE, 2005, nº 5. [http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05\\_05.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/pcp05_05.pdf) Acessado em 29/05/2010.

FERNÁNDEZ, Alicia. A inteligência aprisionada. Porto Alegre, Artemed, 1991.

FORTUNA, Tânia. A dimensão humana da docência. In: Revista Pátio <http://www.revistapatio.com.br/> Acessado em 11/05/2010

FREUD, Sigmund. Conferências introdutórias sobre psicanálise.1916-1917. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 16. . Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. (1914). Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 13. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. O caso Schreber e outros textos (1911-1913).Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V 10. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974.

\_\_\_\_\_. FREUD (1917-1920) - História de uma neurose infantil ("O homem dos lobos"), Além do princípio do prazer e outros textos. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. V. 14. Rio de Janeiro: Editora Imago, 1974.

KUPFER, M. C. Freud e a educação - o mestre do impossível. São Paulo, SP: Scipione, 1992.

\_\_\_\_\_. Uma Educação Para o Sujeito. São Paulo, 1999, 183p. Tese (Livre-Docência) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

LACAN, J. Escritos. São Paulo: Perspectiva, 1978.

LIMA, Priscilla. a formação do professor frente aos desafios e perspectivas atuais no campo. Fonte: <http://www.webartigos.com/articles/17481/1/a-formacao-do-professor-frente-aos-desafios-e-perspectivas-atuais-no-campo/pagina1.html#ixzz0tekrcxu8> acessado em 01/06/2010.

OLIVEIRA, Cecília Casali. O Apego Infantil  
Retirado de: <http://www.cecasali.hpg.ig.com.br/>  
Acessado em 09/05/2010

PESSOA, Vilmarize Sabim. A afetividade sob a ótica Psicanalítica e Piagetiana.  
Retirado de: <http://www.revistas2.uepg.br/index.php/humanas/article/viewFile/12/9>  
Ano: 2000. Acessado em : 01/05/2010

RESOLUÇÃO Nº 31/2007 – CEPE/UFRGS REGULAMENTA OS ESTÁGIOS DE  
DOCÊNCIA

<http://www.ufrgs.br/faced/comissoes/comgrad/index.html>

Acessado em 20/06/2010. CONGRAD/FACED/ UFRGS

SOUZA, Renata Bidone de Azevedo e. O ingresso num mundo desconhecido. IN:  
Adaptação escolar o primeiro desafio. AMAE educando. Editora Lancer. Minas  
Gerais, 1993.

SPITZ, R. *O primeiro ano de vida*. São Paulo; Martins Fontes, 1988.

Verbetes Apego

Retirado de: <http://www.dicionariodoaurelio.com/>

Acessado em: 06/05/2010

WINNICOTT, Donald W. Efeito da perda sobre as crianças. IN: Pensando sobre  
crianças. Artemed. Porto Alegre, 2005, 2º Ed.